REVISTA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS | ISSN: 2447-0244
v. 4, n. 2, jan-jul. 2018.
Missões

A CIDADE, A COMUNICAÇÃO E SEUS ESPAÇOS

THE CITY AND COMMUNICATION AND THEIR SPACES

Débora Moreira Mello[1]
Fabiane Krolow [2]
Paula R. Ramos Libos[3]
José Serafim Bertoloto[4]

Resumo: O espaço urbano é vivenciado de diversos modos. Um espaço multiuso que estabelece uma comunicação com o homem, desempenha um papel de legitimar a territorialidade dentro de um processo estético e poético presente na contemporaneidade. Determina relações comunicacionais com o indivíduo, transforma suas relações, constrói sentidos e estabelece um processo de reflexão na construção emocional. É importante entender o espaço construído como um agente comunicacional entre homem e lugar. Suas transformações no processo de desenvolvimento cultural institui uma reflexão nas relações estabelecidas entre a cidade contemporânea e seus múltiplos espaços em constante construção e transformação.

Palavras-chave: Cidade contemporânea; Espaço e homem; Construção de espaços.

Abstract: Urban space is a good way, a multipurpose space that establishes a communication whit man and a role model that legitimates territoriality within an aesthetic and poetic process present in contemporaneity, establishes itself with man, transforms his relations, builds senses and establishes processes of reflection in the emotional construction. The importance of space as a communicational agent between man and space is a process of transformation as a process of cultural development, establishing a source of information about the city and its spaces in constant construction and transformation.

Keywords: Contemporary city; Space and man; Building of spaces.

INTRODUÇÃO

A cidade é um grande aglomerado urbano. Os espaços que formam o tecido urbano são dinâmicos e cada lugar é hoje um convívio globalizado, com relações estabelecidas de forma espacial, técnica, funcional, político, cultural entre tantas outras variedades e situações

[1] Turismóloga, mestre em Geografia. Integra o Grupo Multimundos.
[2] Engenheira, mestranda no programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea/UFMT. Integra o Grupo Multimundos.
[3] Arquiteta, doutoranda no programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea/UFMT. Integra o Grupo Multimundos.
[4] Doutor em Comunicação e Semiótica, PUC/SP; Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea/UFMT e Programa de Pós-Graduação em Ensino/Universidade de Cuiabá.

intermediárias. Vemos as cidades como grandes aglomerados urbanos, com as adaptações do cotidiano das práticas e dos espaços, por meio da tessitura da multiculturalidade que as constroem, em que vemos as relações entre espaço e tempo que transformam lugares pelo paradigma da tecnologia de informação e formas de processos sociais que ocorrem pelo processo constante de transformação histórica, tendo um perfil real de transformação profundamente diverso (CASTELLS, 1999).

Ao olhar a cidade vemos edifícios, casas, prédios comerciais, institucionais, uma série de edifícios e espaços de ligação entre esses prédios construídos para a facilidade da vida contemporânea, mas cada uma dessas edificações traz significados distintos, em geral carregam marcas de uma história, de um período, ou tempo, que podem ser lidas pelas suas formas, tipos de materiais, e ainda aspectos de como a sociedade está organizada em cada período. A arquitetura com seus significados estéticos estabelece uma comunicação com o homem, contém história e cultura, transmite os anseios e emoções. A arquitetura provoca uma ação comunicacional, gera e estimula sentidos.

ARQUITETURA NA HISTÓRIA E NO ESPAÇO

A arquitetura está presente na evolução do espaço desde a Pré-História, quando surgem os primeiros monumentos com o uso de pedras. Encontrados em larga escala nesse período, a função primária era a proteção do homem de predadores e dos fenômenos naturais. Desde então, a arquitetura passa por distintas e consecutivas fases de interpretação e valoração da paisagem urbana histórica. Na Antiguidade, as primeiras residências surgem no oriente Médio e na Ásia Central. O material utilizado para a construção das casas era a argila, os tijolos de lama e a madeira. Manifestações arquitetônicas também aparecem nas construções de tumbas e templos para os deuses, com seus símbolos e signos permeados por mistérios e enigmas.

Em 300 a.C. encontram-se alguns registros de Imhotep, que pode ser considerado o primeiro arquiteto da história, sendo responsável pela construção da primeira pirâmide do Egito. Construções baseadas em complexas formas matemáticas são consideradas verdadeiras demonstrações de geometria aplicada a arquitetura. As pirâmides foram posteriormente responsáveis por inspirar as formas de muitos ícones na arquitetura referenciada no mundo. Nesse período, também se encontram os encaixes de madeira, uma inovação na época que permitia o empilhamento de pedras sem necessidade de massas para unir umas às outras.

A arquitetura grega busca a perfeição e a arquitetura romana, muito influenciada pela arquitetura grega, tinha também muita preocupação com a estética. Esculturas, monumentos, obeliscos eram construídos a cada conquista, com isso as construções romanas trazem uma contribuição marcante para a arquitetura. Impondo criatividade para as construções, o estilo romano se tornou um poderoso modelo na concepção espacial. Já na Idade Média, a forte influência religiosa traz construções icônicas referenciadas no mundo todo. Esses edifícios religiosos da Idade Média cumpriram uma função singular na organização urbana, conferindo estilo com as possibilidades de aumentar a altura das edificações. Migrando para o Renascimento, nesse período é estabelecido uma oposição entre o velho e o antigo, entre o medieval e a arquitetura greco-romana. Nesse período surge uma nova atitude: os arquitetos começam a ser cada vez mais profissionais independentes, iniciando um ensaio para a Arquitetura Moderna.

O Modernismo implica em liberdade. Em vários contextos e sentidos é possível interpretar o Modernismo como um divisor de águas dentro da arquitetura e em outras ciências, um movimento de esquerda que se “desconecta” da autocracia estabelecida e imposta por diversos anos. A partir da Revolução Industrial, essa fase caracterizada pela utilização de formas simples, geométricas e sem ornamento estabelecem uma linguagem moderna, com ângulos e linhas retas associados ao uso de novos materiais como aço, vidro, entre outros, oportunizam diferentes criações.

O passado é uma das dimensões mais importantes da singularidade, materializado na paisagem das cidades, preservado em “instituições de memória”, ou ainda vivo na cultura e no cotidiano dos lugares. A Arquitetura Pós-Moderna está em busca da identidade dos lugares, raízes e passado, nesse contexto se torna uma espécie de crítica ao Modernismo, principalmente no que diz respeito ao uso irônico de referências históricas. Dentro desse contexto surge um interesse pela cultura popular e a arquitetura volta a ser portadora de símbolos, de signos convencionais que falam a todos, mais do que isso, passa a comunicar valores culturais que foram "esquecidos” no passado.

O Brasil é um país de cidades novas, muitos dos seus núcleos surgem no século XX dentro de um contexto sociocultural debatido e estudado por grandes pensadores do século XIX, mas, há cidades que já existem há bastante tempo. Contemporâneas dos primeiros tempos da colonização, algumas já ultrapassam a marca do quarto centenário, com seu passado revalorizado e a recuperação da identidade cultural em evidência.

É debatido em larga escala o crescimento das cidades, seu ordenamento, relações e a valorização da paisagem herdada do passado, devastada com o processo de crescimento. A raça humana se expande e se distribui em larga escala e de forma dinâmica transformando brutalmente o espaço habitado, especialmente após os anos 50 do século XX. A heterogeneidade dos espaços é uma característica das cidades, pois essa evolução está diretamente associada aos sistemas que estão relacionados.

> Um sistema de realidades, ou seja, um sistema formado pelas coisas e a vida que as anima, supõe uma legalidade: uma estruturação e uma lei de funcionamento. Uma teoria, isto é, sua explicação, é um sistema construído no espírito, cujas categorias de pensamento reproduzem a estrutura que assegura o encadeamento dos fatos. Se a chamarmos de organização espacial, estrutura espacial, organização do espaço, estrutura territorial ou simplesmente espaço, só a denominação é que muda, e isto não é fundamental. O problema é encontrar as categorias de análise que nos permitem o seu conhecimento sistemático, isto é, a possibilidade de propor uma análise e uma síntese cujos elementos constituintes sejam os mesmos (SANTOS, 1988, p. 10).

O espaço é uma realidade relacional entre pessoas e coisas, em uma sociedade em movimento que reescreve seu contexto cultural e social a partir de suas interações. Assim, o espaço é a existência da sociedade. Devido a esse processo de crescimento e desenvolvimento, cada espaço torna-se importante, decorrente de suas próprias virtualidades, naturais ou sociais, preexistentes ou adquiridas, segundo as intervenções seletivas, que podem ser políticas e técnicas, o que determina a forma de utilização desses territórios. A sociedade, por sua vez, relaciona-se com cada lugar, que recebe um novo papel ou ganha um novo valor dentro do contexto social e das novas perspectivas para a relação do espaço-homem.

A ENGENHARIA DA CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO DE INTERLIGAÇÃO ENTRE OS ESTILOS ARQUITETÔNICOS E O ESPAÇO DO HOMEM

Em uma leitura da análise dos espaços e como ele é constituído, através da sua comunicação, trazemos aqui leituras dos processos da engenharia em uma relação poética e estética dos espaços, observando inicialmente os processos da poética (os modos de fazer) da construção de espaços e as múltiplas estéticas (os modos de sentir) possíveis.

Entre os estilos arquitetônicos presentes nas cidades contemporâneas estão traduzidas as técnicas construtivas, mescladas com as estratégias de uso do espaço, o que inclusive sinaliza estilos. A principal finalidade nas técnicas construtivas em geral é o modo de morar, de habitar

que tem se transformado, com alterações nas formas arquitetônicas com o passar dos tempos. Mas, atrelado ao foco para o modo de morar nas aglomerações urbanas, surge a necessidade de vida em grupo, e então de outros modos de habitar, nas igrejas, escolas, entre outros, e ainda os espaços de fluxos urbanos.

Inicialmente, a necessidade do habitar com segurança, para a proteção contra as ações do tempo e perigos da natureza, fez com o que o homem observasse o espaço e criasse estratégias de escolhas, por locais seguros, por isso a escolha da caverna. Iniciam-se então as adaptações do meio-ambiente às necessidades do homem, o que hoje tem uma infinidade de incrementos trazidos pela engenharia e organizados em conjunto com a arquitetura e urbanismo.

O homem observa as possibilidades que a natureza oferece a ele e, com isso, cria e recria técnicas mesclando saberes populares com saberes científicos e desenvolvendo além de estratégias arquitetônicas, materiais extraídos da natureza, mas com algum tipo de processamento, como exemplo pedras que não são mais naturais, mas esculpidas para retratar o belo tão buscado pelos Gregos.

De volta as pirâmides, e percorrendo as épocas e lugares, vemos modos de fazer de cada época, conforme os materiais e técnicas possíveis em cada lugar e tempo. A robustez de épocas mais clássicas como o barroco, e as técnicas construtivas envolvidas no processo e para quem eram as edificações, foram substituídas por formas mais simples. Com o surgimento da máquina, temos o surgimento da industrialização, com isso um foco mais intenso na cidade.

No período do pós guerra e de revolução industrial surge a escola alemã Bauhaus, com uma nova proposta de ensino com o conceito *Deutscher Werkund*, em que a proposta era uma transformação das escolas de arte em escolas-oficinas. Segundo Daufenbach (2017), com os estudos, realizados em conjunto com a prática, em busca de melhoria da qualidade dos produtos e processos de fabricação, com o foco industrial, implicou em formas mais simples, vistas ainda hoje na arquitetura contemporânea, o que resultou na tão conhecida expressão **menos é mais**. A Bauhaus e outras escolas similares do mesmo período já tinham como objetivo a responsabilidade da construção de **formas** para o design de produto e para a arquitetura, como afirma ainda hoje Rebello (2000).

A maquinização da vida trazida pela revolução industrial, foi o que impulsionou a Escola Bauhaus à adequação das propostas de projetos e sua viabilidade em grande escala. Desde então temos essa forma de produção aplicada a todos os processos que nos cercam,

atrelada aos modos de viver da sociedade capitalista. É a partir de então que crescem as cidades, com a oferta de trabalho nas indústrias, e a industrialização do campo, emergindo a necessidade do planejamento ou adequação do meio ambiente ao espaço urbano, agora mais adensado.

> Nas transfigurações da imagem da cidade ao longo do tempo, aglutinam-se por vezes elementos intemporais que se inscrevem na memória coletiva e que se tornam paradigmáticos, referenciando universalmente uma cultura e lugar, estabelecendo processos de identidade que constroem uma simbólica própria. (DUARTE, 2002, p. 80).

Paralelamente a essa mudança acontece em Paris uma exposição de arte, que traz um novo ícone urbano e uma nova proposta para as cidades. Foi realizada como uma instalação de arte, a Torre Eiffel, que trazia uma nova tendência e explorava o uso do metal em estrutura treliçada, com altura de 324 metros, e com uma carga simbólica que traz nas entrelinhas a "torre de babel", segundo Duarte (2002), e principalmente a possibilidade de construções de edificações com o uso de materiais metálicos, possibilitando os arranha-céus presentes hoje nas megalópoles.

A cada dia que passa estamos mais industrializados, automatizados, desde o despertador até a diversão que também ocorre via equipamentos eletrônicos. Conforme Castells (1999), estamos vivendo em uma sociedade baseada em conhecimento, em uma produção contínua. Nos espaços que habitamos temos sensores, climatização dos ambientes, nos locomovemos em geral com o automóvel, somos sinalizados por meio de semáforos, também automatizados. As cidades surgem por meio das necessidades cotidianas de forma industrializada, automatizada. Criamos facilidades para a vida fluir mais rápido, mas também criamos problemas: "o aumento acelerado do número de automóveis causa um enorme número de feridos e mortos" (VASCONCELLOS, 2014, p. 15). E continua o mesmo autor: *"*O espaço urbano foi construído para atender aos interesses imediatos de cada grupo social e aos interesses de acumulação de capital por parte do setor da construção civil e dos proprietários de terra" (VASCONCELLOS, 2014, p. 15), deixando em segundo plano necessidades emergentes que surgem em conjunto com a urbanização.

A ideia de menos é mais, mesmo que não tão comentada, está impregnada no modo de apresentar soluções aos grandes problemas urbanos. A necessidade de controle de custos de um país emergente mostra exemplos: "a experiência da pré-fabricação e a exposição do fazer

arquitetônico foram responsáveis por difundir um senso estético diferenciado da cultura construtiva tradicional, ao deixar aparente o fazer construtivo" (ARAÚJO, 2013, p. 16).

Em meio às necessidades de agilidade, de produção em massa, emergem problemas ambientais e também inovações, e a automação vem para trazer agilidade ao cotidiano contemporâneo dessa cidade informacional, (CASTELLS, 1999). Critérios e estratégias de sustentabilidade recriam os processos, pensando na redução ou mitigação de impactos gerados ao meio ambiente.

As infinitas técnicas de construção que desenham o atual cenário da indústria da construção civil exigem a compatibilização de equipes multidisciplinares, compostas por profissionais de arquitetura e engenharia para minimizar erros de incompatibilidade entre as propostas arquitetônicas e as soluções estruturais e de engenhar. Para isso a tecnologia traz também inovação, as famosas plataformas de integração de projetos BIM (Building Information Model), que agilizam os processos de compatibilização na engenharia contemporânea, pensando em mais produção em menos tempo.

Os modos de construção da cidade, o caos e a influência da falta de comunicação entre as disciplinas envolvidas na construção do espaço tem com o BIM uma solução para grande parte dos problemas. No entanto a metodologia BIM propõem uma integração multidisciplinar técnica entre as disciplinas de arquitetura, urbanismo e engenharia, e deixa em segundo plano a integração do homem com o espaço.

Enquanto se tem a ideia de pensamento de estruturas a partir das possibilidades da natureza, tem-se a partir das propostas de industrialização da vida, como mostra Rebelo (2000), uma dicotomia na cidade entre matéria e forma, em que a vida urbana contemporânea, de tantas técnicas, inovação, permite a construção de arranha-céus e, ao mesmo tempo, faz com que as pessoas andem apenas em alta velocidade, e não param para observar os espaços por onde caminham. Enquanto isso, os que não conseguem de alguma forma se encaixar nessa engrenagem da metrópole atual recriam os usos dos espaços. Nesse pulsar capitalista contemporâneo vemos com Bachelard (1993, p. 198), que "a impressão de imensidão está em nós, que ela não está necessariamente ligada ao objeto". Impregnada por essa infinidade de técnicas, e mesmo vivendo na cidade, não nos comunicamos com ela, pois nosso cotidiano está dedicado a um pulsar constante de produção.

ESPAÇOS E POPULAÇÃO

Que a população humana ocupa os espaços todos sabem, porém a palavra "espaço" pode remeter a diversos conceitos. A Geografia, por exemplo, é uma ciência que tem o espaço como uma de suas cinco categorias de análise. Mas, faz-se necessário citar os outros quatro, pois se interligam e possuem um vínculo com a população humana e com a superfície global, sendo eles: lugar; região; paisagem e território.

Para analisar o *lugar* como um fator que se relacione com a população, o *lugar* é, sobretudo, uma obra da experiência humana. O lugar significa muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas aos tipos de experiência e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança (RELPH, 1979). Pode ser definido também como um centro de significados construídos pela experiência (TUAN, 1983). Leite (1990) considera que é no lugar que se vislumbra referenciais afetivos, os quais desenvolvemos durante nossas vidas a partir da convivência com o lugar e com o outro.

O lugar adota valores e significados peculiares para aqueles que o vivenciam. É um espaço cheio de emotividade, no qual as relações sociais, as representações de universos singulares e as experiências se comunicam, de forma a operar modificações em sítios especiais, guardados com cuidado na memória (CORRÊA, ROSENDAHL, 2003). A organização da vida, determinando práticas sociais, dá um arranjo típico de cada lugar, como se cada um deles possuísse sua própria expressão inconfundível. Por exemplo, lugares históricos, onde é guardada a memória de um período, preservando-o e valorizando a cultura (CORIOLANO, 1998). Muitos desses lugares históricos já foram modificados ou alguns até demolidos, pelo crescimento das cidades e mudança de valores. Atualmente algumas cidades guardam a memória dentro de museus, mas poucas são as populações privilegiadas por esses espaços, ou que possuem acesso a eles.

Partindo para o conceito de região natural, em que o ambiente tem um certo domínio sobre a orientação do desenvolvimento da sociedade, a natureza pode influenciar ou moldar certos gêneros de vida, mas é sempre a sociedade, em seu nível de cultura, de educação, de civilização, que tem a responsabilidade da escolha, surgindo o conhecimento de região "unidade superior que sintetiza a ação transformadora do homem sobre um determinado ambiente" (GOMES. 2010, p. 56). A região, "portanto, é uma realidade concreta, física, ela existe como um quadro de referência para a população que aí vive" (GOMES, 2010, p. 57). Se adotar como

exemplo o Brasil, que possui 5 regiões: norte; sudeste; centro-oeste; sul e nordeste, observa-se que cada região possui suas características especificas, econômicas, culturais e ambientais, e ainda, fazendo um recorte, cada estado possui também diferenças, e mais ainda cada cidade.

O território "é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder" (SOUZA, 2010, p. 78). Para Saquet (2007, p.69), ele "é resultado das ações dos homens em sociedade, demarcando e organizando o espaço tanto jurídico como cultural e economicamente". Segundo Sousa (2006), esse território como espaço concreto em si (com seus atributos naturais e socialmente construídos) é apropriado, ocupado por um grupo social e essa ocupação é vista como algo gerador de raízes e identidade, pois o grupo não poderia mais ser compreendido sem seu território, no sentido de que a identidade sociocultural das pessoas estaria associada aos atributos do espaço concreto (natureza, patrimônio arquitetônico, "paisagem"). Como exemplo, observa-se no espaço urbano diferentes tipos de território em uma mesma cidade, o território da prostituição, das gangues, do tráfico de drogas, das favelas, sendo que todos esses possuem uma relação de poder que é definido e organizado pelos seres humanos quem o compõe, de acordo com suas características sociais e econômicas. Castells (2008, p. 22) define identidade como "(...) o processo de construção de significados com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significados".

Assim, a edificação ou a apropriação de um território se dá através do trabalho humano, em que cada território é particular, expondo diversas configurações e determinações pelo meio de aspectos econômicos, culturais, sociais, entre outros. O território é demarcado pelo processo histórico de pessoas, grupos de pessoas ou uma coletividade no qual desempenham um domínio sobre essa área (ALVES, SILVEIRA, FERREIRA, 2007).

Partindo para a noção da paisagem, que está relacionada à memória do ser humano antes mesmo da elaboração do conceito, pode ser localizada nas artes e nas ciências das diferentes culturas, que retratavam primeiramente elementos específicos como animais selvagens, montanhas ou um rio. As pinturas rupestres deixam provas da percepção direcionada a alguns componentes do ambiente, uma vez que em cada época a compreensão deste assunto foi influenciada pela filosofia, estética, política, religião, ciência, dentre outras disciplinas. É bem provável, também, que as características naturais, dominantes em cada paisagem, tenham entusiasmado, ou desencorajado, a relação dos diferentes grupos humanos na terra com o seu

entorno. Assim, as sociedades oriental e ocidental, distintas em termos geográficos e culturais, desenvolveram suas noções de paisagem sobre alicerces também diferentes (MAXIMIANO, 2004). A percepção e a preservação/conservação da natureza são diferenciadas em cada cultura, apesar de todos os seres humanos dependerem da natureza para a sobrevivência; o olhar do humano e as atitudes se diferenciam.

De acordo com Cavalcanti (2007), a paisagem é a fisionomia, a morfologia ou a expressão formal do espaço, refletindo a visão que a população tem sobre a área a sua volta, tendo como função suportar uma identidade e servir de apoio para estimular a coesão que existe na sociedade e sendo o fundamento da formação das identidades, acrescentando a linguagem científica com o emocional e, entre o conhecimento geográfico e a identidade cultural. A esse respeito, paisagem para Lisboa (2007) é uma realidade atual que foi construída pelo acúmulo de fatos ou eventos que já ocorreram, quando se observa a paisagem na atualidade. Risso (2008, p. 72) ainda sugere que "as paisagens estão marcadas pelo universo subjetivo criado pelos seres humanos". Mencionando a questão religiosa, cada cultura possui o seu Deus criador, seus rituais de oferenda, o medo e a alegria, as vestimentas, alimentos que podem ser consumidos etc.

Nas paisagens urbanas e rurais é notável a transformação: fragmentos culturais presente nas construções, regras de trânsito, bares e restaurantes e até mesmo no sotaque das pessoas. Nas conversas informais é comum ouvir pessoas relatando como aquelas paisagens eram antigamente, o que era realizado em determinados espaços, como os rios que cortavam as cidades eram abundantes de peixes, das festas que eram realizadas para comemorar a fartura, como as crianças brincavam na rua e os brinquedos que confeccionavam. Esses argumentos que compõe os espaços são carregados de artefatos culturais, emocionais, sociais e econômicos. Assim, "[...] a paisagem é um conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço" (SANTOS, 2008, p.40).

O mesmo autor argumenta: "Espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participa, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento" (SANTOS, 1985, p. 27). E há outro componente: "O espaço é um verdadeiro campo de forças cuja formação é desigual. Eis a razão pela qual a evolução espacial não se apresenta de igual forma em todos os lugares" (SANTOS, 1978 p.122). Por isso, de acordo com

o autor, o mundo é um espaço heterogêneo, as cidades os campos, e também a cultura e as sociedades.

Considerando a junção do espaço, lugar, região, paisagem e território tem-se em todos eles o ser humano como modificador e criador desses conceitos, mas não descartando que a natureza desempenha um papel quase que determinante nas ações humanas: o clima determina as vestimentas utilizadas e os tipos de plantio, os rios os oceanos determinam o tipo de alimento e também o artesanato das regiões, as músicas, festejos etc. A arquitetura das cidades é determinada pelas topografias, que irão definir a engenharia e os tipos de materiais que possam ser utilizados. Portanto, pode se concluir que o a população e a natureza seguem juntos no tempo produzindo história, sejam elas conflitantes ou harmoniosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A necessidade de um lugar para habitar fez com o que o homem se apropriasse da natureza; a necessidade de segurança, de proteção, fez o homem recriar os espaços onde se estabelece, construindo habitações ou transformando a natureza segundo o seu modo de habitar. Para Bourriaud (2008), a arte é um estado de encontro, processo poético que implica em novos olhares, lugares e espaços, que tem construído essa cidade contemporânea, onde se tem um espaço apenas para o homem realizar suas atividades vitais mas não para vivenciá-lo afetivamente.

Na vida intensa e veloz da cidade contemporânea, percebe-se a falta de relação com os espaços urbanos, uma vez que a exigência de produção, com sua objetividade impiedosa, gera um solo infrutífero para a interação (SIMMEL, 1903). Uma ideia de presença na cidade pode ter sua origem alicerçada na tradição ou no processo de transformações das paisagens através da cultura vivenciada e contextualizada. O espaço urbano criado pelo próprio homem nos oferece uma comunicação de imagens, em que participamos como mercancia.

A oportunidade de um habitar e se relacionar melhor enquanto indivíduos nos apontam as diferenças sociais e nos leva a questionar as ações diversas desse novo coletivo, que estabelece novas formas de convívio, considerando a cultura como um agente transformador do cotidiano, da sensibilidade e de revalorização local e cultural. Uma valoração do espaço urbano permite uma aderência dos indivíduos e suas relações se tornam fragmentos no processo de produção de sentidos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Flomarion Dutra; SILVEIRA, Vicente Celestino Pires; FERREIRA, Enéas Rente. Territorialização camponesa, identidade e reproduções sociais: os assentamentos da metade sul do Rio Grande do Sul. Campo-território. **Revista de Geografia Agrária**, v. 2, n. 4, p. 82-97, ago. 2007.

ARAÚJO, Ricardo Ferreira de. A "poética da economia" na arquitetura moderna brasileira: Conexões brutalistas. In: SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL ARQUITETURA MODERNA E INTERNACIONAL: CONEXÕES BRUTALISTAS, 5., 2013, Curitiba. **X do co mo.** Curitiba: Puc Pr, 2013. v. 1, p. 1 - 19.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional.** Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2008. 144 p.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

CASTELLS, Manoel. **"O espaço dos fluxos". In: A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999. pp. 467-521.

CASTELLS, Manoel. **O poder da identidade**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeni (Orgs.) **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CORIOLANO, Luzia Neide M.T. **Do local ao global**: o turismo litorâneo cearense. Campinas SP: Papirus 1998 (Coleção Turismo)

CAVALCANTI, Agostinho; VIADANA, Adler Guilherme. **Organização do espaço e análise da paisagem**. Rio Claro, SP: UNESP, 2007. 107 p.

DAUFENBACH, Karine. ... e sempre a Bauhaus. **Arquitextos**, São Paulo, v. 3, n. 201, fev. 2017. Mensal. Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.201/6434. Acesso em: 20 jul. 2018.

DUARTE, Rui Barreiros. Estruturas comunicativas: As pontes-ícones. **Fabrikart**, São Paulo, v. 1, n. 2, p.80-89, 2002.

REBELLO, Yopanan C. P. **A concepção estrutural e a arquitetura.** São Paulo: Zigurate, 2000. 270 p.

SANTOS, Milton. M**etamorfoses do espaço habitado**, fundamentos teórico e metodológico da geografia. Hucitec.São Paulo 1988.

SIMMEL, Georg**. As grandes cidades e a vida do espírito**. Mana, 11(2): 577-591, 2005.

VASCONCELLOS, Eduardo Alcântara de. **Políticas de transporte no Brasil:** a construção da mobilidade excludente. São Paulo: Manole, 2014.

RELPH, Edward C. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**. Rio Claro, v. 4, n. 7, abr. 1979, p. 1-25.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.